

## **Meu caro Mário de Andrade: Cornelio Penna responde a um crítico severo**

*My dear Mário de Andrade: Cornelio Penna answers a severe critic*

André Luís Pires Leal Câmara<sup>1</sup>

### **Resumo:**

Em setembro de 1939, Mário de Andrade escreve sobre *Dois romances de Nico Horta*, de Cornelio Penna. Em carta, Penna responde a essa crítica. O documento, arquivado no Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo (IEB-USP), é aqui examinado. A carta foi localizada durante a preparação, para 2022, da publicação do inventário do arquivo de Cornelio Penna, que está sob a guarda do Arquivo-Museu de Literatura Brasileira da Fundação Casa de Rui Barbosa (AMLB-FCRB).

**Palavras-chave:** Cornelio Penna; Mário de Andrade; romance psicológico; antiquário; correspondência.

### **Abstract:**

In September 1939, Mário de Andrade reviewed Cornelio Penna's *Dois romances de Nico Horta*. In a letter to Mário de Andrade, Penna responded him. This letter, archived at the Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo (IEB-USP), is examined here. The document was found during preparation for the publishing of the inventory of Cornelio Penna's archive at the Arquivo-Museu de Literatura Brasileira da Fundação Casa de Rui Barbosa (AMLB-FCRB), planned to happen in 2022.

**Keywords:** Cornelio Penna; Mário de Andrade; psychological novel; antiquarian; correspondence.

## **1 Introdução**

No Arquivo-Museu de Literatura Brasileira (AMLB) da Fundação Casa de Rui Barbosa, encontra-se o arquivo do romancista Cornelio Penna (1896-1958), doado em 1974. Ao se fazer o levantamento desse acervo para publicação do inventário do arquivo, foi identificada uma carta do escritor a Mário de Andrade, então crítico literário do *Diário de Notícias*. Em setembro de 1939, o modernista paulista publica, naquele jornal, na coluna Vida Literária, resenha sobre

---

<sup>1</sup> Jornalista, mestre e doutor em Letras pela PUC-Rio, pesquisador-bolsista do projeto **História e memória do Arquivo-Museu de Literatura Brasileira da Fundação Casa de Rui Barbosa**.

*Dois romances de Nico Horta*, de Cornelio Penna. A carta, datilografada em duas folhas, e escrita em resposta a essa crítica, está arquivada no Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo (IEB-USP).

Em 1939, o paulistano Mário de Andrade residia no Rio de Janeiro, então capital federal, no bairro da Glória, no edifício Minas Gerais, na esquina das ruas do Catete e Santo Amaro. No apartamento de quarto e sala, no quarto andar, vivia o período que, mais tarde, Moacir Werneck de Castro chamaria de “exílio no Rio”<sup>2</sup>. Deixara São Paulo, no ano anterior, após dirigir o Departamento Municipal de Cultura, na administração de Fábio Prado. O prefeito fora afastado pouco depois da instauração do Estado Novo pelo Governo Vargas, em 10 de novembro de 1937.<sup>3</sup>

Mário de Andrade aceita o convite para ser professor de Filosofia e História da Arte, no Instituto de Artes da Universidade do Distrito Federal (UDF), criada por Anísio Teixeira em 1935. No entanto, sua nova atividade não vai além de um semestre, com a interrupção do funcionamento da universidade<sup>4</sup>. Ele permanece no Rio onde já trabalhava na elaboração da *Enciclopédia brasileira*, dirigida por Augusto Meyer, no Instituto Nacional do Livro (INL). Em março de 1939, passa a assinar no jornal *Diário de Notícias* a coluna dominical Vida Literária.<sup>5</sup>

Na mesma página em que publicava as críticas, Mário de Andrade costumava informar os livros que recebia. É assim que, ao resenhar *Estrada perdida*, de Telmo Vergara, em 20 de agosto de 1939<sup>6</sup>, coloca, no canto direito inferior da página, a relação de dez livros recebidos. O primeiro deles é *Dois romances de Nico Horta*, de Cornelio Penna, um lançamento da Livraria José Olympio Editora. Seria analisado, um mês depois, no texto que sai em 24 de setembro de 1939.

---

<sup>2</sup> CASTRO, 1989, 237p.

<sup>3</sup> “Assim, em 10 de novembro de 1937, foi outorgada uma nova Constituição, idealizada e redigida pelo ministro da Justiça, Francisco Campos. A nova Carta incluía vários dispositivos semelhantes aos encontrados em constituições de regimes autoritários vigentes na Europa, como as de Portugal, Espanha e Itália. Com o Congresso Nacional fechado e com a decretação de rigorosas leis de censura, Vargas pôde conduzir o país sem que a oposição pudesse se expressar de forma legal”. (BRAGA)

<sup>4</sup> A aula inaugural de Mário de Andrade na Universidade do Distrito Federal foi publicada em forma de ensaio sob o título “O artista e o artesão”, com dedicatória ao artista plástico e cenógrafo Santa Rosa. Faz parte de seu livro *O baile das quatro artes*, lançado e reeditado duas vezes pela Martins e, em 2012, pela Nova Fronteira.

<sup>5</sup> Mário de Andrade faz sua estreia no *Diário de Notícias*, em substituição a Rosário Fusco, com o artigo “Começo de crítica”, página 2 do 1º Suplemento de 05 mar.1939. Outros periódicos tiveram uma seção chamada Vida Literária, mesmo nome de uma revista mensal dirigida por Osvaldo Orico, no início da década de 1930.

<sup>6</sup> Lançado pela José Olympio naquele ano, o romance *Estrada perdida* chega a ser elogiado por Mário de Andrade que, no entanto, termina por criticá-lo duramente. Do autor Telmo Vergara diz: “A mais exagerada receita poética de que o artista abusa no romance é o processo de repetição. Vou citar um trecho típico pondo entre aspas as palavras repetidas”. (ANDRADE, 1939b, p. 2).

## 2 A crítica

Reunida posteriormente em *O empalhador de passarinho*<sup>7</sup>, a crítica a *Dois romances de Nico Horta* estampa no título uma característica marcante de Cornelio Penna: a de colecionador de antiguidades. Alguns desses objetos se encontram hoje em seu acervo sob a guarda do Arquivo-Museu de Literatura Brasileira (AMLB) da Fundação Casa de Rui Barbosa. Em “Romances de um antiquário”, Andrade descreve Penna como um autor que, em 1935, “estrevava no romance com grande originalidade e interesse, publicando *Fronteira*”.<sup>8</sup>

Logo a seguir, o crítico observa aspectos positivos e de novidade da obra, ao mesmo tempo em que deixa transparecer desagrado com o que identifica como exageros do autor:

Embora eu tenha uma bem nítida impressão de que, com Nico Horta, o romancista exagera um bocado na utilização do tenebroso, do mistério, do mal-estar, e se repita mesmo no emprego de certos efeitos já aparecidos em *Fronteira*, me parece incontestável que Cornélio Pena<sup>9</sup> trouxe ao romance brasileiro de agora uma novidade que o enriquece. Principalmente ao realismo psicológico um pouco estreito (não quero dizer superficial, mas exatamente ‘estrito’, em seu excesso de lógica) de que os nossos romancistas atuais tanto se agradam”. Mário de Andrade acrescenta que Cornelio Penna traz a colaboração da “gratuidade psicológica, dos mistérios irreconciliáveis da alma, e porventura mesmo do metapsíquico. (ANDRADE, 1958, p. 171)

Ser rotulado de escritor de romances psicológicos provocará sempre um incômodo no autor de *Dois romances de Nico Horta*. Tanto assim que falará disso em entrevistas, como na que concede em outubro de 1950: “Parece-me que a distinção entre romance psicológico e romance ‘como história que se conta’ — responde-nos ele — traz em si a sua própria condenação”<sup>10</sup>

<sup>7</sup> Lançado, sem data, pela Martins como volume XX das *Obras completas* de Mário de Andrade. Ao que se sabe, no ano posterior ao da morte do escritor, que faleceu a 25 de fevereiro de 1945. Além de algumas reedições por outras editoras, foi objeto de análise de *O empalhador de passarinho, de Mário de Andrade: texto fiel e anotado*. Ver SÁ, 2013.

<sup>8</sup> ANDRADE, 1958, p. 171. Há um equívoco nessa edição ao indicar o ano de 1940 como sendo o de publicação da crítica no jornal *Diário de Notícias*. Na verdade, foi publicada em 24 de setembro de 1939. A data de publicação no jornal é informada pelo próprio Mário de Andrade em *O empalhador de passarinho*.

<sup>9</sup> É muito comum ver referências ao nome de Cornelio Penna em que seu sobrenome aparece com uma letra “n” a menos, até mesmo em jornais para os quais colaborava como ilustrador ou autor de artigos. Mário de Andrade também comete esse equívoco. Na verdade, o nome Cornelio, que no seu caso não era acentuado, aparece quase sempre com o acento agudo, até mesmo em reedições de livros seus.

<sup>10</sup> JORNAL DE LETRAS, 1950. p. 1 e 7. Entrevista publicada também como apêndice em PENNA, Cornelio. *Romances completos*. Rio de Janeiro: José Aguilar, 1958, p. XLVI-LII.

Em sua crítica, Mário de Andrade chega a citar o francês Paul Bourget, autor de romances psicológicos, falecido quatro anos antes, e acaba por fazer comparações duras entre os romances de Cornelio Penna, sendo que o segundo lhe parece mais audacioso e menos claro:

*Fronteira* ainda era um livro fácil de compreender. Além do epílogo que punha noutrem a culpa das estranhezas do livro, por vários momentos o próprio manuscrito encontrado tomava a paciência de nos esclarecer sobre aquela procissão de personagens e fatos misteriosos. (ANDRADE, 1958, p. 172).

Mário de Andrade argumenta que a anormalidade mística da personagem Maria Santa era um caso já bastante estudado nos livros de psicopatologia e o próprio autor do manuscrito se reconhecia próximo às ‘fronteiras da loucura’. E prossegue o crítico:

Com os Dois romances de Nico Horta, já muito mais audacioso, o romancista suprime quaisquer explicações; e mesmo quando, nas cenas finais, Nico Horta no confessionário ou já moribundo, parece dar a chave dos seus estranhos sofrimentos, infelizmente o faz com frases vertiginosamente sutis. Tudo permanece da mesma forma muito complicadamente complicado pra que se satisfaça pelo menos a minha medíocre aspiração de clareza. (ANDRADE, 1958, p.172-173).

Ao mesmo tempo em que salienta aspectos positivos da obra, Mário de Andrade continua a enxergar problemas no estilo do autor e volta a fazer comparações com o primeiro livro de Cornelio Penna, pelo qual parece ter predileção:

Apesar destas curiosas filosofias finais, o enredo é apaixonante, como se vê. Tenho, porém, a impressão de que em parte Cornélio Pena o desaproveitou, não só por ter, com a fuga de Pedro para a Capital, abandonado em meio o problema dos gêmeos que era o mais palpitante do livro, como pelo abuso da nebulosidade. Não posso realmente concordar com o romancista no processo de repetir truques de mistério já usados no romance anterior. (ANDRADE, 1958, p. 174).

Por vezes, Mário de Andrade parece ser contraditório nas suas impressões sobre esse segundo romance de Cornelio Penna. Uma contradição que ele demonstra assumir em outras ocasiões e que o crítico Álvaro Lins notará como uma virtude: “Ele não tinha, na verdade, o mais tolo dos medos que é este de parecer mais tarde contraditório” (LINS, 1983. p. 39).

É ainda Álvaro Lins quem pode sugerir a importância que Mário de Andrade via nos romancistas que criticava duramente, como faz com Cornelio Penna:

Não tendo a crítica como gênero fundamental da sua obra, não tendo a ela se ligado como quem vai nos seus quadros definir e realizar a própria existência literária, Mário de Andrade demonstrava uma certa indiferença quanto aos julgamentos e sistemas, preocupado principalmente com o jogo das ideias e a discussão de problemas de estilo, de técnica e de composição. Só era rigoroso, analítico, discriminador em face de livros ou autores dos quais gostava realmente e aos quais atribuía verdadeira importância. (LINS, 1983, p. 39)

A relação profunda que Cornelio Penna mantém com objetos antigos será, ao longo dos anos, observada por jornalistas que o entrevistam ou por críticos e estudiosos de sua obra. Esse aspecto não escapa a Mário de Andrade, a ponto de dar à resenha o título de “Romances de um antiquário”. Um título que ele parece explicar neste trecho:

Alma de colecionador, vivendo no convívio dos objetos velhos, Cornélio Pena sabe traduzir, como ninguém entre nós, o sabor de beleza misturado ao de segredo, de degeneração e mistério, que torna uma arca antiga, uma caixinha-de-música, um leque, tão evocativos, repletos de sobrevivência humana assombrada. Se sente que os seus romances são obras de um antiquário apaixonado, que em cada objeto antigo vê nascer uns dedos, uns braços, uma vida, todo um passado vivo, que a seu modo e em seu mistério ainda manda sobre nós. E tudo isso o romancista capta, evoca e desenha com raro poder dramático. (ANDRADE, 1958, p. 174).

Além de *O empalhador de passarinho*, “Romances de um antiquário” integra a edição dos romances completos de Cornelio Penna feita pela editora José Aguilar, em 1958, sob a coordenação de Afrânio Coutinho. Vol.3 da série brasileira da Biblioteca Luso-Brasileira, inclui o romance inacabado *Alma Branca*, tem introdução geral por Adonias Filho e, além de Mário de Andrade, traz artigos de Augusto Frederico Schmidt, Ledo Ivo, Murilo Araújo, Sérgio Milliet e Tristão de Ataíde como notas preliminares aos romances. O texto de Mário de Andrade foi também incluído em *Alma Branca e outros escritos*, livro lançado pela Faria e Silva Editora, em 2020, com fragmentos do romance inacabado e de artigos, crônicas e contos de Cornelio Penna publicados anteriormente na imprensa.

### 3 A carta

No exemplar de *Dois romances de Nico Horta*, que envia a Mário de Andrade, Cornelio Penna coloca a seguinte dedicatória: “Ao Mario de Andrade<sup>11</sup>, com o velho abraço de amizade e admiração do Cornelio Penna. Rio, 3-8-939”.<sup>12</sup> É provável que tivesse expectativa de que seu

<sup>11</sup> Na dedicatória e na carta que escreve a Mário de Andrade, Cornelio Penna deixa de acentuar o nome Mário.

<sup>12</sup> SÁ, 2013.

novo livro fosse acolhido com entusiasmo pelo crítico, a quem se referia como amigo. Difícil saber se de fato havia essa expectativa. Ao menos, poderia esperar que viesse a ser mais compreendido.

Ocorre exatamente o contrário. A crítica vai além de contundente, chega a ser ácida. Em resposta, Cornelio Penna escreve a Mário de Andrade uma carta, na qual usa de ironia, sem esconder certa mágoa, e até mesmo alguma decepção, o que o faz elucidar pontos de sua obra que parecem ter ficado obscuros na avaliação do crítico do *Diário de Notícias*.

Sem data<sup>13</sup>, o documento escrito à máquina, em duas folhas de papel branco, filigrana, no formato 26,0 x 20,8 cm, faz parte do arquivo de Mário de Andrade mantido pelo Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo (IEB-USP). Encontra-se catalogado sob o código de referência: MA-C-CPL-5692.

O tratamento utilizado por Cornelio Penna é: “Meu caro Mário de Andrade”, o que indica alguma proximidade entre os dois, sem demonstrar muita intimidade. É, sem dúvida, forma menos calorosa do que a dedicatória aqui já citada, e que se referia a um “velho abraço de amizade e de admiração”, antigos conhecidos mantendo uma relação de cordialidade e respeito.

De início, Cornelio Penna declara certo espanto de merecer um escrito de Andrade sobre um livro seu, colocando-se no “terceiro time”, ao passo que Mário de Andrade, segundo ele, pertenceria à *gentry*, ou seja, à nobreza, à alta sociedade da literatura brasileira. E, acusando ter percebido um modo indelicado no artigo, se refere ao tom usado por Mário de Andrade. Com certa ironia polida, ao invés de utilizar o vocábulo “grosseiro”, prefere a palavra em francês: *hargneux*.

A forma com que Mário de Andrade aborda o romance dificilmente seria aceita por algum autor de maneira passiva. Mesmo que a crítica não tivesse a intenção de ferir, atingiu diretamente o autor. Cornelio Penna mostra ter sentido o baque:

O sacrifício de você pegar nos meus trapinhos com as pontas dos dedos foi tão desagradável que você impacientou-se um pouco e me acusou de coisas graves, como ‘estudar problemas’, gostar do metapsíquico (meu Deus!) e até de criar figuras simbólicas. (PENNA, 1939, f. 1)

---

<sup>13</sup> Como referência, o IEB-USP atribuiu à carta a mesma data da publicação do artigo de Mário de Andrade no *Diário de Notícias*, 24 set. 1939.

Em seu artigo, Mário de Andrade compara os dois romances de Cornelio Penna, e reclama que há personagens inexplicáveis:

Em Fronteira aparecia uma Viajante, ser misterioso, inexplicável, que aparece e desaparece, espécie de símbolo intangível, que o romancista fez questão em não nos explicar quem era. O pior é que na realidade esse viajante não aumentava nada ao drama intrínseco do livro. Da mesma forma, neste romance novo, surge a horas tantas uma Ela, que aparece e desaparece, e não tem por onde se lhe pegue. Durante algum tempo a gente ainda se dispersa, interessado em interpretar essas assombrações, possivelmente simbólicas, mas força é concluir que elas não influem basicamente em nada, nada justificam, nada condicionam. A mim me parecem truques de mau gosto, cujo valor poético relativo só serve pra dispersar a intensidade nuclear dos dois romances. (ANDRADE, 1958, p. 174).

Na carta que envia a Mário de Andrade, Cornelio Penna rebate:

Eu não teria escrúpulo algum em deixar aparecer uma ‘ela que não tem por onde se lhe pegue’, ou uma ‘viajante’ inútil, ou mesmo ouvir cochichos e conversas inexplicáveis atrás das portas, porque são o que há de mais real e autêntico na vida, e por isso é que diferem das dos romances policiais, que aliás adoro, porque nunca se explicam, na realidade, mesmo quando depois se descobre que o assassino é a datilógrafa, e o leitor esperto percebe que por isso é que havia um estranho barulhinho de máquina no capítulo X ou XI. (PENNA, 1939, f. 2)

Penna encara as sugestões de Andrade como “conselho malicioso” e diz que se fosse segui-lo seria necessário suprimir não somente o livro como a si próprio. Ao mesmo tempo, mantém a sua já declarada admiração pelo autor de *Macunaíma*, colocando-se como um menino diante do Ministro que, no entanto, não lhe dá a esperada atenção:

Se eu seguisse o seu conselho malicioso, e suprimisse todas as coisas incompreensíveis do livro, teria que suprimir o próprio livro, ou talvez a mim mesmo, pois cada um dos raros leitores não compreende um trecho diferente, e assim você não se aborreceria com as minhas baboseiras, nem eu teria desculpa e ensejo para conversar com você despreocupadamente, com o orgulho escondido do menino que apertou a mão do senhor Ministro, no dia da festa, apesar dele ter rido e não ter prestado atenção ao discurso. (PENNA, 1939, f. 2)

Na carta, Cornelio Penna se refere ainda a uma contradição de Mário de Andrade, que aqui parece longe de ser a que Álvaro Lins encara como virtude. Ou seria a mesma? Diz Cornelio Penna a Mário de Andrade: “construiria uma história a seu gosto, segundo entendi, apesar da evidente contradição que há no seu artigo”.<sup>14</sup>

---

<sup>14</sup> PENNA, 1939. f. 1.

Caberá a Adonias Filho, poucos anos depois, fazer uma análise mais aprofundada desse romancista. Em 1945, ele publica o artigo “Os romances de Cornelio Penna”, dividido em três partes, em três dias seguidos — 14, 15 e 16 de março —, no jornal carioca *A Manhã*. Não em *Letras e Artes*, como em outras vezes divulgado<sup>15</sup>, mas na seção Livros do Dia, na página 3 do primeiro caderno. Em 17 de junho daquele ano, ele volta a publicar um artigo com o mesmo título, novamente em *A Manhã*.<sup>16</sup>

A publicação da primeira série de artigos ocorre menos de um mês após a morte de Mário de Andrade, que acontece na noite de 25 de fevereiro de 1945, quando ele já retornara a morar em São Paulo, na casa de sua família à rua Lopes Chaves, na Barra Funda. Portanto, essa “defesa” dos romances de Cornelio Penna será feita sem o conhecimento do modernista paulista. É importante observar que, em março de 1945, havia apenas dois romances de Cornelio Penna publicados: *Frenteira*, de 1935, e *Dois romances de Nico Horta*, de 1939. Os outros dois somente apareceriam em 1948 (*Repouso*) e em 1954 (*A menina morta*). São, portanto, os mesmos livros que Mário de Andrade conhecia e aos quais se refere em “Romances de um antiquário”.

Se para ele nesses romances muitas vezes havia passagens mal explicadas, Adonias Filho mostrará a importância do sobrenatural e, de certo modo, do inexplicável, nesses livros. Já no primeiro artigo, ele diz:

É a revelação do sobrenatural, que em nós se mantém durante a vida, e que em nós continuará após a morte, o que Cornelio Penna tenta realizar nos romances até agora publicados. E o que se depreende, e se retira do fundo desses livros, é todo um círculo de questões transcendentais, são os próprios mundos subjetivos, é mesmo a vocação mais desesperada do homem. Essa vocação, que é a vocação humana de angústia em nós aprisionada, nos romances de Cornelio Penna adquire tal expressão que bem poderia ser denominada ontologia do visionário. (ADONIAS FILHO, 1945a, p. 3).

Adonias Filho se tornará um dos principais estudiosos da obra de Cornelio Penna, publicando artigos e ensaios sobre ele. Não será o único nem o primeiro, mas é certamente dos mais importantes. Parte do que começou a esboçar nos artigos escritos em *A Manhã* está no

---

<sup>15</sup> *Letras e Artes*, suplemento de *A Manhã*, circulou aos domingos, entre as décadas de 1940 e 1950. *A Manhã* teve ainda outro suplemento dedicado à literatura chamado simplesmente *Suplemento Literário*.

<sup>16</sup> ADONIAS FILHO, 1945d.



ensaio “Os romances da humildade”, que abre a edição de *Romances completos*, lançada em 1958 pela editora José Aguilar.<sup>17</sup>

Na imprensa, são muitos os que escrevem sobre Cornelio Penna, desde a publicação de *Fronteira*. E não se pode esquecer que, antes de 1935, ele já era reconhecido como desenhista e pintor, e como ilustrador de capas de livro.

A bibliografia sobre ele reúne quase duas centenas de artigos, reportagens, entrevistas, ensaios e livros, e há ainda dissertações, teses e artigos acadêmicos que somam outra parte considerável. Esse material será divulgado no próximo ano com a publicação do Inventário do Arquivo de Cornelio Penna, que se encontra em preparação no Arquivo-Museu de Literatura Brasileira (AMLB), da Fundação Casa de Rui Barbosa.

Em 1978, quando se completaram vinte anos da morte do autor, o AMLB-FCRB organizou a exposição *Os dois mundos de Cornelio Penna*, exibindo peças de seu acervo.

Contudo, é inegável que se trata de um escritor pouco lido e falado. Em 1996, Luís Bueno publicava no jornal Folha de S. Paulo artigo em que se referia a esse esquecimento e ao ensaio de Luiz Costa Lima<sup>18</sup> sobre o autor de *Dois romances de Nico Horta*.

Em 1976, no texto com que a editora apresentava o livro de Luiz Costa Lima sobre Cornélio Penna, o romancista aparecia descrito como "escritor da maior importância até hoje condenado a dormir nas estantes da memória nacional para daí ser retirado nos aniversários de morte e outras efemérides". Passados 20 anos, essa condenação não se atenuou. Ainda muito esquecido, nem nas efemérides seu nome tem sido lembrado — nem neste ano, em que se completa o centenário de seu nascimento. (BUENO, 1996, p. 10).

Ainda para ilustrar o aspecto inexplicável e confuso criticado por Mário de Andrade em *Dois romances de Nico Horta*, destacamos um trecho da tese de doutorado da professora e pesquisadora Flávia Vieira Santos, defendida no Departamento de Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), em março de 2008:

Com *Nico Horta*, Cornelio Penna se coloca na trilha dos autores que se dedicaram à investigação desses domínios nos quais a dúvida nas escolhas vitais torna tudo confuso e tortuoso. A angústia que permeia o imaginário desses autores advém da busca incessante pela elucidação dos mistérios mais insondáveis da existência.

---

<sup>17</sup> ADONIAS FILHO, 1958.

<sup>18</sup> Lançado sob o título de **A perversão do trapezista**: o romance em Cornelio Penna (Imago e Secretaria de Cultura, Ciência e Tecnologia do Estado S. Paulo) em 1976, saiu em segunda edição com o nome de **O romance em Cornelio Penna** (UFMG), em 2005.

É válida a observação do filósofo Albert Camus: “Sempre houve homens para defender os direitos do irracional. A tradição do que podemos chamar de pensamento humilhado nunca deixa de estar viva”. (SANTOS, 2008. p. 143-144).

“Romances de um antiquário” continua a ser um dos destaques da fortuna crítica de Cornelio Penna. Seja porque integra um dos livros de Mário de Andrade já algumas vezes reeditado, seja porque traz a opinião de um respeitado escritor e intelectual, um dos mais conhecidos do país. E, a lembrar do que disse Álvaro Lins sobre a crítica literária exercida por Mário de Andrade, Cornelio Penna era certamente um romancista do qual ele gostava bastante e considerava importante.

Por sua vez, Mário de Andrade era alguém a quem Cornelio Penna, mesmo magoado, e talvez decepcionado, podia enviar uma carta finalizada com esta franqueza, que é quase um suspiro: “Com um grande abraço e o pedido de desculpas muito sincero do velho admirador e amigo”. (PENNA, 1939, f. 2)

#### 4 Considerações finais

A divulgação da carta de Cornelio Penna a Mário de Andrade elucida alguns aspectos de sua literatura. A crítica publicada no *Diário de Notícias* se tornou mais conhecida pelas sucessivas edições de *O empalhador de passarinho*, livro que reúne resenhas literárias de Mário de Andrade.

Ao divulgar a carta arquivada no IEB-USP e comentar aquela crítica, procuramos abordar alguns pontos importantes da escrita de Cornelio Penna. Embora não se ligasse a movimentos literários, ele é considerado modernista, sendo incluído na segunda fase do movimento do qual Mário de Andrade foi um dos principais líderes. Por ocasião do centenário da Semana de Arte Moderna e do cinquentenário do AMBL-FCRB, em 2022, acreditamos que se trata de um tema que venha interessar a alguns pesquisadores.

O título da crítica escrita por Mário de Andrade, “Romances de um antiquário”, refere-se a uma característica marcante de Cornelio Penna: a de colecionador de objetos antigos. Parte de sua coleção, que inclui caixas de música raras e o quadro pintado a óleo da menina morta<sup>19</sup>,

---

<sup>19</sup> O quadro da menina morta, inspiração para tema e título de seu último romance, acompanhou Cornelio Penna por toda a vida. Na verdade, trata-se de uma tia materna sua, Zerefina, que morreu ainda bem criança. Outra tia, que também se chamou Zeferina, teve o mesmo destino de morrer na primeira infância. A terceira Zeferina, nascida em seguida, se tornou a Baronesa de Paranã, e era uma das tias maternas do escritor.

está sob a guarda do AMLB-FCRB, juntamente a escritos, desenhos e pinturas de sua lavra. Com este artigo, esperamos contribuir para destacar a relevância de seu acervo, que terá o inventário do arquivo literário publicado no próximo ano.

### Referências

ADONIAS FILHO. Os romances de Cornelio Penna. *A Manhã*, Rio de Janeiro, 14 mar. 1945. Coluna Livros do Dia, p. 3

\_\_\_\_\_. Os romances de Cornelio Penna II. *A Manhã*, Rio de Janeiro, 15 mar. 1945. Coluna Livros do Dia, p. 3.

\_\_\_\_\_. Os romances de Cornelio Penna III. *A Manhã*, Rio de Janeiro, 16 mar. 1945. Coluna Livros do Dia, p. 3.

\_\_\_\_\_. Os romances de Cornelio Penna. *A Manhã*, Rio de Janeiro, 17 jun. 1945. Suplemento Literário, p.1-2.

\_\_\_\_\_. Os romances da humildade. *In: PENNA, Cornelio. Romances completos*. Rio de Janeiro: José Aguilar, 1958. p. XIII-XLVI.

ANDRADE, Mário de. Nota preliminar a dois romances de Nico Horta. *In: PENNA, Cornelio. Romances completos*. Rio de Janeiro: José Aguilar, 1958. p. 171-175.

\_\_\_\_\_. Estrada perdida. *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, 20 ago.1939. Suplemento 1, p.2.

\_\_\_\_\_. Começo de crítica. *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, 05 mar.1939. Suplemento 1, p.2.

\_\_\_\_\_. *O baile das quatro artes*. São Paulo: Martins, 1963. 198 p.

BUENO, Luís. A intensidade do pecado — O escritor Cornelio Penna, nascido em 1896, faz parte de uma geração esquecida. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 29 dez. 1996. Caderno + Mais, Homenagem, p.10.

BRAGA, Suely. *Fatos & Imagens*: Estado Novo. [202-?]. Disponível em: <https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/FatosImagens/EstadoNovo>. Acesso em 23 out.2021.

CÂMARA, André Luís P. L. *Na encruzilhada da Lopes Chaves*: encontros e descaminhos em Mário de Andrade. Orientador: Júlio Diniz. 2004. 109 f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Programa de Pós-graduação em Letras, Departamento de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2004. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/colecao.php?strSecao=resultado&nrSeq=5196@1>. Acesso em: 17 nov. 2021.

CASTRO, Moacir Werneck de. *Mário de Andrade: exílio no Rio*. Rio de Janeiro: Rocco, 1989. 237 p.

FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL (Brasil). Biblioteca Nacional Digital. *Hemeroteca Digital Brasileira*. [2021]. Disponível em: <http://memoria.bn.br>. Acesso em: 16 nov. 2021.

JARDIM, Eduardo. *Mário de Andrade: a morte do poeta*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005. 160 p.

JORNAL DE LETRAS. O autor corrige a entrevista: Cornélio Pena faz uma série de confissões a Jornal de Letras. Detesto a poesia. *Jornal de Letras*, Rio de Janeiro, n. 16, p. 1 e 7, out. 1950.

LIMA, Luiz Costa. *O romance em Cornélio Penna*. 2. ed. Belo Horizonte: UFMG, 2005.

LINS, Álvaro. A crítica de Mário de Andrade. In: ANDRADE, Mário de. *Cartas de Mário de Andrade a Álvaro Lins*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1983.

PENNA, Cornélio. *Romances completos*. Rio de Janeiro: José Aguilar, 1958. 1388 p.

\_\_\_\_\_. *Alma Branca e outros escritos*. São Paulo: Faria e Silva Editora, 2020.

SÁ, Marina Damasceno de. *O empalhador de passarinho, de Mário de Andrade*: edição de texto fiel e anotado. Orientadora: Terezinha (Telê) Porto Ancona Lopez. 2013. 477 f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Programa de Pós-Graduação em Literatura Brasileira, Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8149/tde-29012014-110242/pt-br.php>. Acesso em: 08 nov. 2021.

SANTOS, Flávia Vieira. *Transgressão melancolia e mal na obra de Cornélio Penna*. Orientadora: Marília Rothier Cardoso. 2008. 262 f. Tese (Doutorado em Letras). Programa de Pós-graduação em Letras, Departamento de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/colecao.php?strSecao=resultado&nrSeq=12119@1>. Acesso em 16 nov. 2021.